

História: Espaço Fecundo para Diálogos 2



Antonio Gasparetto Júnior
Ana Paula Dutra Bôscaro
(Organizadores)

História: Espaço Fecundo para Diálogos 2



Antonio Gasparetto Júnior
Ana Paula Dutra Bôscaro
(Organizadores)

2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação: Geraldo Alves

Edição de Arte: Lorena Prestes

Revisão: Os Autores



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição Creative Commons. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense

Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa

Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará

Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia

Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá

Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima

Prof. Dr. Fabiano Tadeu Graeli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões

Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie di Maria Ausiliatrice

Prof. Dr. Julio Cândido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense

Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso

Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Universidade Federal do Maranhão

Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará

Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste

Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador

Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Prof. Dr. Willian Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano

Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás

Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná

Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Gírlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Conselho Técnico Científico

Prof. Msc. Abrão Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Msc. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Profª Msc. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Msc. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Profª Msc. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco

Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
Prof. Msc. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Prof. Msc. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
Prof. Msc. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof^a Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Msc. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^a Msc. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
Prof^a Msc. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
Prof^a Dr^a Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
Prof. Msc. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
Prof. Msc. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Msc. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
Prof^a Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof^a Msc. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)**

H673 História [recurso eletrônico] : espaço fecundo para diálogos 2 /
Organizadores Antonio Gasparetto Júnior, Ana Paula Dutra
Bôscaro. – Ponta Grossa, PR: Atena, 2020.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader.

Modo de acesso: World Wide Web.

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-81740-01-6

DOI 10.22533/at.ed.016201102

1. História – Filosofia. 2. História - Historiografia. 3. Historiadores.
I. Gasparetto Júnior, Antonio. II. Bôscaro, Ana Paula Dutra.

CDD 907.2

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

O campo da História é repleto de possibilidades ou, como sugere o título deste livro, um espaço fecundo para diálogos. Neste sentido, são possíveis análises cronológicas, quantitativas, qualitativas, biográficas, transnacionais e interdisciplinares que permeiam outras variáveis como econômicas, políticas, sociais, culturais e educacionais, por exemplo. Assim, o chamado para se refletir sobre a História é um chamado para se pensar a atuação do ser humano no planeta, em suas diferentes épocas, seus diferentes contextos e em suas diferentes abordagens.

A História, como ciência, é dotada de métodos que são empregados por seus pesquisadores e pesquisadoras para, a partir de questões que são colocadas, verificar suas teses em fontes pertinentes ao tema analisado. O que o leitor encontrará neste volume são textos que foram selecionados para composição do livro a partir de um eixo que prioriza a reflexão a respeito da Educação, da Religião e do Patrimônio. Os 30 capítulos são frutos de estudos que foram desenvolvidos por profissionais de diversas instituições do país.

Na primeira parte da obra estão reunidas análises históricas acerca da Educação. De modo que, internamente, esses textos permeiam debates em torno de questões étnicas na Educação, aspectos do ensino básico e do ensino universitário.

Na segunda parte da obra estão reunidas análises históricas situadas no campo das religiões. Assim sendo, os respectivos capítulos concentram análises que retomam aspectos religiosos desde a Idade Média até os dias atuais, além de refletir sobre questões de gênero no campo religioso e trajetórias pessoais.

Por fim, a terceira parte do livro é composta por análises históricas no campo do Patrimônio. De tal forma abrangente que parte da antiguidade egípcia até a música contemporânea. Seus textos discutem outros temas como folclore, teatro e quilombos.

Em síntese, a obra *História: espaço fecundo para diálogos* é uma constatação ao leitor das inúmeros possibilidades das pesquisas históricas, apresentando resultados de investigações que são notadamente importantes para o conhecimento da sociedade. Ademais, é de suma importância a divulgação científica do trabalho do Historiador/Historiadora, que constrói pontes para uma sociedade mais justa e consciente.

Antonio Gasparetto Júnior
Ana Paula Dutra Bôscaro

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
NEGRITUDE E MEMÓRIAS APAGADAS: O ENSINO DE HISTÓRIA E AS HISTÓRIAS NÃO CONTADAS DE UMA CIDADE MINEIRA (1976-2016)	
Maria Rita de Jesus Barbosa	
DOI 10.22533/at.ed.0162011021	
CAPÍTULO 2	14
EDUCAÇÃO PARA RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS: UMA PROPOSTA DE VISIBILIZAR A LEI 10.639/2003 E DECOLONIZAR O CURRÍCULO NO CENTRO DE ENSINO FUNDAMENTAL MIGUEL ARCANJO, EM SÃO SEBASTIÃO – DISTRITO FEDERAL	
Tércia Goulart de Souza	
Elison Antonio Paim	
DOI 10.22533/at.ed.0162011022	
CAPÍTULO 3	24
ÓRFÃOS DO ELDORADO DE MILTON HATOUM: UMA PROPOSTA DE LEITURA PARA A HISTÓRIA E PARA O ENSINO DE HISTÓRIA E CULTURA INDÍGENA NA AMAZÔNIA	
Arcângelo da Silva Ferreira	
DOI 10.22533/at.ed.0162011023	
CAPÍTULO 4	37
HISTÓRIA INDÍGENA NO ENSINO DE HISTÓRIA: HÁ LUGAR PARA TEMPORALIDADES OUTRAS NOS LIVROS DIDÁTICOS DE HISTÓRIA?	
Edith Adriana Oliveira do Nascimento	
DOI 10.22533/at.ed.0162011024	
CAPÍTULO 5	53
PAULO BOURROUL E O ENSINO DAS CIÊNCIAS NA ESCOLA NORMAL DE SÃO PAULO NO FINAL DO SÉCULO XIX	
Matheus Luiz de Souza Céfalo	
DOI 10.22533/at.ed.0162011025	
CAPÍTULO 6	69
EDUCAÇÃO INFANTIL NA LEI FEDERAL Nº 10.639/03: INDIFERENÇA A SER SUPERADA	
Carla Santos Pinheiro	
Lauro de Freitas/Bahia	
DOI 10.22533/at.ed.0162011026	
CAPÍTULO 7	80
EDUCAÇÃO PATRIMONIAL POR MEIO DA ILUMINAÇÃO SEMAFÓRICA DE BELO HORIZONTE: “PROJETO CIDADE REVELADA - INTERPRETAÇÃO E SINALIZAÇÃO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E CULTURAL”	
Ana Carolina Pereira	
DOI 10.22533/at.ed.0162011027	

CAPÍTULO 8 91

PATRIMÔNIO CULTURAL E A HISTÓRIA LOCAL: UMA PESQUISA DO PROFHISTÓRIA NA EDUCAÇÃO BÁSICA

Antônia Lucivânia da Silva
Paula Cristiane de Lyra Santos

DOI 10.22533/at.ed.0162011028

CAPÍTULO 9 106

CONSCIÊNCIA HISTÓRICA E FORMAÇÃO DE PROFESSORES PARA OS ANOS INICIAIS

Carollina Carvalho Ramos de Lima

DOI 10.22533/at.ed.0162011029

CAPÍTULO 10 118

IMAGENS EM SALA DE AULA: O USO DE PINTURAS HISTÓRICAS NOS LIVROS DIDÁTICOS DO 7º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL

Priscila Santos Calegari

DOI 10.22533/at.ed.01620110210

CAPÍTULO 11 131

CONTESTADO EM SALA DE AULA: UMA EXPERIÊNCIA COM O 1º ANO DO ENSINO MÉDIO

Gerson Luiz Buczenko

DOI 10.22533/at.ed.01620110211

CAPÍTULO 12 141

ESCRAVIDÃO NEGRA NO BRASIL E INTERDISCIPLINARIDADE: UMA ANÁLISE DAS COLEÇÕES DE LIVROS DIDÁTICOS DE HISTÓRIA E LÍNGUA PORTUGUESA

Nádia Narcisa de Brito Santos

DOI 10.22533/at.ed.01620110212

CAPÍTULO 13 154

ARIANO SUASSUNA: A ESCRITA E A PRÁTICA DE UM PENSAMENTO EDUCACIONAL NO “BRASIL REAL”

Aurea Maria Bezerra Machado

DOI 10.22533/at.ed.01620110213

CAPÍTULO 14 165

O (AUTO) BIOGRÁFICO NO PROCESSO FORMATIVO: DOCÊNCIA ORIENTADA NA DISCIPLINA DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO

Fabiana Regina da Silva
Cristiane Medianeira da Silva Reis

DOI 10.22533/at.ed.01620110214

CAPÍTULO 15 180

A MISSÃO DAS UNIVERSIDADES: UMA ANÁLISE ARQUEOLÓGICA DAS PROPOSIÇÕES EDUCACIONAIS DE ARMANDO DE SALLES OLIVEIRA

Alexandre de Britto Redondo

DOI 10.22533/at.ed.01620110215

CAPÍTULO 16	194
UMA ANALISE DAS POLÍTICAS AFIRMATIVAS NAS UNIVERSIDADES FEDERAIS: COTAS PARA ESTUDANTES NEGROS	
Josefa Neves Rodrigues	
DOI 10.22533/at.ed.01620110216	
CAPÍTULO 17	208
SANTO INOCÊNCIO MÁRTIR: UM SANTO ITALIANO DO SÉCULO III EM TOMAZINA PR	
Jonathas Wilson Michelin	
Angelita Marques Visalli	
DOI 10.22533/at.ed.01620110217	
CAPÍTULO 18	221
A IGREJA E A FONTE DE NOSSA SENHORA D'AJUDA DE PORTO SEGURO (1551- 1761)	
Lucas de Almeida Semeão	
DOI 10.22533/at.ed.01620110218	
CAPÍTULO 19	233
AS HAGIOGRAFIAS SEISCENTISTAS DE JOSÉ DE ANCHIETA: PROJETOS POLÍTICOS E IDENTIDADES RELIGIOSAS EM CONCORRÊNCIA	
Camila Corrêa e Silva de Freitas	
DOI 10.22533/at.ed.01620110219	
CAPÍTULO 20	246
O SOCIAL NA ARTE SACRA DE E. P. SIGAUD: O CASO DAS PINTURAS MURAIS MODERNISTAS NA CATEDRAL DE JACAREZINHO	
Luciana de Fátima Marinho Evangelista	
DOI 10.22533/at.ed.01620110220	
CAPÍTULO 21	258
A PIA UNIÃO DAS FILHAS DE MARIA NA DIOCESE DE MANAUS	
Elisângela Maciel	
DOI 10.22533/at.ed.01620110221	
CAPÍTULO 22	271
O DESAFIO DE PESQUISAR O ACERVO DAS ORDENS RELIGIOSAS FEMININAS EM PORTUGAL	
Tatiane de Jesus Chates	
DOI 10.22533/at.ed.01620110222	
CAPÍTULO 23	284
O DISCURSO PROTESTANTE PENTECOSTAL DA BÍBLIA DA MULHER ACERCA DA CONDIÇÃO FEMININA VERSUS O DISCURSO ORAL DAS FIEIS	
José Glauber Lemos Diniz	
Daniele Barbosa Bezerra	
DOI 10.22533/at.ed.01620110223	

CAPÍTULO 24	298
ARCEBISPO DA PARAÍBA DOM JOSÉ MARIA PIRES: RELIGIÃO E POLÍTICA ENTRE OS ANOS DE 1965-1985	
Naiara Ferraz Bandeira Alves	
DOI 10.22533/at.ed.01620110224	
CAPÍTULO 25	308
PERSPECTIVAS HISTÓRICAS ACERCA DOS DISCURSOS SOBRE A MA'AT N'AS LAMENTAÇÕES DE KHA-KHEPER-RÉ-SENEB	
Victor Braga Gurgel	
DOI 10.22533/at.ed.01620110225	
CAPÍTULO 26	321
APONTAMENTOS PARA UM ESTUDO DA EMERGÊNCIA DO CONCEITO DE FOLCLORE NO PENSAMENTO SOCIAL BRASILEIRO O CASO DE SILVIO ROMERO	
Manoel Carlos Fonseca de Alencar	
DOI 10.22533/at.ed.01620110226	
CAPÍTULO 27	330
NICOLAU ALEKHINE NO ARQUIVO IPHAN-SP: UMA ABORDAGEM ETNOGRÁFICA	
Rafael de Araújo Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.01620110227	
CAPÍTULO 28	340
COMPANHIA TEATRO MODERNO DE LISBOA (TML): ENGAJAMENTO, RESISTÊNCIA E CRIAÇÃO CULTURAL NOS ANOS 1960	
Kátia Rodrigues Paranhos	
DOI 10.22533/at.ed.01620110228	
CAPÍTULO 29	351
ACAMPAMENTO E CULTURA POLÍTICA: ESTUDO DE CASO DO ASSENTAMENTO ZUMBI DOS PALMARES – RJ (1997-2015)	
Elson dos Santos Gomes Junior	
DOI 10.22533/at.ed.01620110229	
CAPÍTULO 30	363
O RAP INTERCULTURAL CONSTRUINDO UMA REPRESENTAÇÃO HÍBRIDA DA CIDADE DE MANAUS (1989 A 1999)	
Richardson Adriano de Souza	
DOI 10.22533/at.ed.01620110230	
SOBRE OS ORGANIZADORES.....	376
ÍNDICE REMISSIVO	377

A IGREJA E A FONTE DE NOSSA SENHORA D'AJUDA DE PORTO SEGURO (1551-1761)

Data de aceite: 27/01/2020

Data de admissão: 14/11/2019

Lucas de Almeida Semeão

Universidade Estadual Paulista (UNESP) “Júlio de Mesquita Filho”

Franca-São Paulo

<http://lattes.cnpq.br/2314859110124731>

RESUMO: Este trabalho objetiva compilar referências à ermida e à fonte de Nossa Senhora d'Ajuda, localizada no tempo da colônia na vila de Santo Amaro, na capitania de Porto Seguro. A documentação, mapeada em narrativas dispersas entre a produção escrita dos três primeiros séculos de Brasil, foi organizada, sistematizada e serializada, possibilitando estabelecer possíveis relações entre elas, e reflexões a respeito do que foi escrito sobre a igreja e a Fonte da Senhora, no intuito de abrir novos caminhos de pesquisa. Abarcando o momento de sua fundação, no ano da chegada dos Jesuítas ao novo mundo, até meados dos séculos das luzes, após a expulsão dos inacianos do Brasil, esta investigação procura rememorar o que foi relatado sobre a primeira casa da Companhia de Jesus e primeiro *local de milagres* da Luso-América.

PALAVRAS-CHAVE: Religiosidade Católica; Igreja no Brasil; Companhia de Jesus no Brasil.

THE CHURCH AND SOURCE OF OUR LADY OF AJUDA OF PORTO SEGURO (1551-1761)

ABSTRACT: This paper aims to compile references to the chapel and the source of Our Lady of Ajuda, located at the time of the colony in the village of Santo Amaro, in the captaincy of Porto Seguro. The documentation, mapped in scattered narratives between the written production of the first three centuries of Brazil, was organized, systematized and serialized, making it possible to establish possible relations between them and reflections about what was written about the church and Source of Lady, in order to open new search paths. Covering the moment of its foundation, in the year of the arrival of the Jesuits to the new world, until the middle of the centuries of lights, after the expulsion of the Ignatians from Brazil, this investigation seek to recall what was reported about the first house of Society of Jesus and the first site of miracles of Luso-America.

KEYWORDS: Catholic religiosity; Church in Brasil; Company of Jesus in Brazil.

Francisco Pérez está em Puerto Seguro y a estado com él hasta aora Vicente Rodriguez, y vino agora a comunicar com el Padre Nóbrega em esta costa algunas cosas, em la qual enfermo, y por tanto no podido más tornar. Há hecho hacer uma hermita allí, a la qual la gente es muy devota y es muy visitada de romerías. Dízese

por toda la costa que uma fuente que se abrió después de la fundación de la hermita da salud a los enfermos (1956, Vol. I, p. 260).

Esta é possivelmente a menção mais antiga de nosso tempo sobre a ermida de Nossa Senhora da Ajuda, a primeira casa dos jesuítas do Brasil. Não obstante, é desconhecida a data precisa de sua fundação, apesar de muito provavelmente ter sido 1549, ano da chegada da primeira leva de jesuítas na costa, entre eles, Manuel da Nobrega (1517-1570), padre que delegou sua construção. Redigido pela pena do jesuíta António Pires (?-1572) no dia dois de agosto do ano de 1551 e direcionado aos padres e irmãos de Coimbra, o fragmento supracitado referencia um local cada vez mais conhecido pelos seus milagres. A quantidade de vezes que a igreja e fonte d'Ajuda foram mencionadas na documentação redigida no período colonial, indica a importância que possuíam aos coevos, justificando, consequentemente, a relevância do conhecimento das suas histórias. Além de casa dos inacianos, a igreja de Nossa Senhora da Ajuda, em especial sua fonte, é o local mais antigo concebido como sendo privilegiado às ocorrências milagrosas, no novo mundo português. Conhecer-las, é rememorar os primórdios da história religiosa do Brasil e parte do que era o mais importante no cotidiano daquela gente, a saber: a relação e a familiaridade com o sagrado.

O objetivo deste trabalho é mapear as diversas referências à ermida e à fonte de Nossa Senhora da Ajuda de Porto Seguro, entre o período de sua fundação no século XVI, até meados do século das luzes. Além disso, esta investigação também objetiva estabelecer relações entre as menções encontradas na documentação, tecendo reflexões a respeito do que foi escrito pelas penas dos escritores coloniais, sobre a ermida e a fonte d'Ajuda, concebendo-a como um *local de milagres*. Este conceito se refere aos lugares amplamente reconhecidos pelas ocorrências de milagres, irrompidos notadamente em maior quantidade que em outros locais, no entanto, não constitui um conceito que expressa uma catalogação usada na época.

O nome de Nossa Senhora d'Ajuda foi dada à ermida em homenagem à Virgem, e seu fundador, burocraticamente falando, foi o Padre Manuel da Nóbrega, que escolheu o espaço e delegou Francisco Pires (?-1586), superior do local, e Vicente Rodrigues (?-?), para administrarem a nova igreja. Os dois inacianos, não possuindo água boa para o consumo na casa, desejando que ali houvesse uma fonte que suprisse suas necessidades, logo foram presenteados por Deus, que deu-lhes água fresca mediante uma fonte surgida milagrosamente do meio da terra. Nascia, assim, a *Fonte da Senhora*. Quem relata é o próprio Vicente Rodrigues, descobridor do fontículo, por comissão do governador do Brasil Tomé de Souza (1503-1579), em carta redigida na Bahia datada de maio de 1552, ao Padre Simão Rodrigues (1510-1579), de Lisboa:

Estando los padres - Francisco Pires e Vicente Rodrigues – em Puerto Seguro fundando uma casa, no aviendo agua que fuese buena para beber deseavan ahí cerca uma fuente. Quiso Dios que em esta conjunción caío hun monte, y com el abrir de la tierra se abrió la más fresca y hermosa fuente que ai en aquella tierra. Y porque la casa, que fundavan, es de la invocación de nuestra Sennora, se llama la dicha fuente, entre los cristianos y gentiles, “la Fuente de la Señora (1956, Vol. I, p. 321).

A ermida em 1553 foi também local de paragem de certos jesuítas, como o Padre José de Azpilcueta Navarro (1522/1523-1557), que constantemente se recolhia na igreja quando retornava das missões com os gentios. Neste período, a igreja já era bem conhecida no Brasil e pelos padres de Portugal, informados através das epístolas. Conta um Irmão de São Vicente – neste caso, aspirante a padre jesuítico, ainda não ordenado -, em carta datada do dia 10 de Março de 1553, aos Irmãos de Portugal, que “*Cerca dél está uma iglesia de nuestra Señora donde el Padre se recoge quando viene de los lugares de los gentiles por estar de aquella parte, y es casa (según todos dizen, y pienso que ya os lo ternán escrito) de muchos milagros*” (1956, Vol. I, p. 427).

Ambrósio Pires (?-?), que também se recolheu na capela em meio às missões, relatou aos Padres e Irmãos de Coimbra, em carta de cinco de Maio de 1554 escrita em Porto Seguro, a boa localidade da igreja, construída em lugar seguro, em bom espaço de cultivo e próxima à comunidade local, que, principalmente aos sábados, enchia a igreja. Afirmou Ambrósio Pires, que no Brasil não havia casa melhor, comparando-a às ermidas de Nossa Senhora de Montserrat, localizadas na Catalunha:

Em esta tierra me puse em uma casa de nuestra Senhora em que estoy lo más del tempo, una las más aparejadas y más devota para estar que yo ví, que si os afirmare que es muy mejor aparejada para esto que una de las hermitas de Monsarrate crédmelo. Está esta casa em um despoblado y del más cercano lugar de poblado quase media légua. Si estuviera em lugar tan seguro como tiene buen sitio, no uviera mejor casa em el Brasil. Es de mucha devoción a los sábados (1956, Vol. II, p. 53-54).

Novamente o Padre Antônio Pires, aquele que primeiro referenciou a ermida na epístola de 1551, em outra carta datada de 15 de junho de 1555, comparou a devoção de Nossa Senhora d'Ajuda à Guadalupe do México, bem como exibiu uma versão diferente do momento do nascimento da fonte relatada até aqui. Nesta versão da história, um homem, estando em cima de uma árvore tentando cortá-la, foi arremessado dali, nascendo logo em seguida uma fonte debaixo da árvore, milagrosamente:

Aqui há uma casa da Companhia da invocação de Nossa Senhora da Ajuda de muito boa ajuda e de grande devoção. Ali se reúnem aos sábados os habitantes de duas ou três vilas, entre os quais demora a dita igreja [...].

Tem esta igreja um belo altar da saudação de Nossa Senhora, e uma bela fonte,

muito amada de Nossa Padre Manuel da Nóbrega. Quando se edificava a casa, esta fonte se abriu (ao que parece) milagrosamente, porque estando um homem sobre uma árvore a cortá-la, levantou-se a terra com ela, e arrebatou o homem sem que o menor perigo lhe viesse, e assim brotou no lugar onde foi a árvore uma fonte, bebendo da qual vários enfermos saram, e todos sem mais se curaram. Se isto houvesse acontecido em outro lugar, tornava-se o objeto de grande devoção, qual outra Guadalupe (NAVARRO, 1988, p. 166-167).

A segurança do lugar, atestada anteriormente pela pena de Ambrósio Pires, possivelmente foi embasada na experiência, por talvez até aquele ano, 1554, a Ajuda e seu povoado não terem sido atacados. Como a capela e todo o núcleo estavam localizados em um ermo, isto é, em um descampado, o lugar era, neste ponto de vista, completamente inseguro em casos de ataques (LEITE, 1938, Vol. I, p. 206). Conta o Irmão António Blázquez (1542-1584) aos Padres e Irmãos de Coimbra da Bahia, na data de oito de Julho de 1555, que à meia-noite de um dia não referenciado, vieram dois homens avisarem os padres que o povoado estava cercado de gentios. Ao serem informados, os padres se esconderam, juntamente com outras pessoas, no retábulo da ermida, que serviria de refúgio, caso o ataque do inimigo fosse efetivado. Passados os desacordos e acalmada a relação entre os índios e os portugueses, na visão de Antônio Blázquez graças à Nossa Senhora, o autor conta que o apaziguamento ocorreu porque não quis a Virgem que sua imagem fosse retirada forçosamente da ermida, uma das raras menções aos componentes materiais interinos da igreja, presente nos escritos coloniais:

Y vino la cosa a tanto que a la media noche vinieron dos hombres a avisarnos como la población estaba cercada de gentiles y por tanto pusiésemos em cobro las vidas y um retablo que ay estaba em la hermita. Y determinándolo nosotros hazer ansí, y hechos nuestros azezillos de libros yrnos a Puerto Seguro, Nuestra Señra alcançó de su Hijo la paz y concordia de los Indios, y no quiso que se quitasse su ymagén de aquel lugar do avía hecho milagros (1956, Vol. II, p. 259-260).

Este episódio parece não ter desestimulado a continuação dos trabalhos na comunidade d'Ajuda e na ermida. A partir de 1556, Nóbrega delegou um religioso para morar na igreja d'Ajuda, “[...] o qual tinha cuidado de ir com dia a uma Aldeia dos gentios, que está a uma légua de Nossa Senhora, e depois tornava a fazer o mesmo à povoação de Santo Amaro; e, feito este serviço ao Senhor, fazia a sua volta para a ermida” (LEITE, 1938, Vol. I, p. 207). Mas depois de dezesseis anos da instalação deste religioso não referenciado na Ajuda, o provincial Inácio Tolosa (1533-1611), em sua passagem pelas capitâncias entre 1572 e 1573, após se deparar com a condição de isolamento e simplicidade da igreja, e com o padre que lá residia, preceituou “que se fizesse casa conveniente para agasalhar o missionário que lá fosse toda semana” (LEITE, 1938, Vol. I, p. 207).

Propuseram-se os índios construírem uma caixa d'água na igreja, mas em 1574

já era tarde. Em uma carta redigida pelo padre Quirício Caxa (1538-1599) em dois de dezembro deste mesmo ano, relata o clérigo que, após o processo de centralização administrativa da igreja no Brasil neste período, a Ajuda foi entregue aos cuidados do Bispo, proposição de Inácio Tolosa, aprovada pelo Geral Everardo Mercuriano (1514-1580) (LEITE, 1938, Vol. I, p. 207). No entanto, isso não fez com que os jesuítas fossem menos à ermida, pois continuaram as celebrações de missas todos os sábados. Em 1584, pela crescente fama da igreja, foram construídos melhores ornamentos e uma confraria (LEITE, 1938, Vol. I, p. 207).

Os “Tratados da terra e gente do Brasil”, escritos entre 1583 e 1601 pelo jesuíta português Fernão Cardim (1540-1625), possuem um excerto muito rico em informações sobre a Ajuda. Primeiramente, o autor, que passou pela ermida com outros companheiros, relembrou a fundação da igreja e o nascimento da fonte da Fonte da Senhora, relato modificado, comparado aos supracitados. De acordo com Cardim, Vicente Rodrigues, ao cavar junto à igreja, presenciou a saída debaixo de onde ficava o altar de Nossa Senhora da Ajuda, uma corrente d’água. Doravante, elogiou o retábulo da igreja, aquele que serviu de abrigo a Antônio Blázquez em 1555 e seus companheiros, no cerco feito pelos gentios na comunidade da Ajuda, e destacou também que Francisco Pires, na época com 70 anos, ainda celebrava todos os sábados a santa missa na ermida. Além disso, Cardim exibiu a vontade de Francisco Pires de ser enterrado na igreja, desejo que foi atendido. No entanto, em 12 de janeiro de 1586, ano de sua morte, o padre estava no Colégio da Bahia, sendo enterrado por lá (LEITE, 1938, p. 208):

Fomos recebidos de um irmão com muita caridade, porque os outros três estavam na aldeia de São Matheus com o Sr. administrador (XXVI), que tinham ido à festa. Partimos logo para a mesma aldeia visitar aqueles índios: passamos um rio caudal mui formoso e grande; caminhamos uma légua a pé, em romaria a uma Nossa Senhora da ajuda (XXVIII), que antigamente fundou um padre nosso; e a mesma igreja foi da companhia; e cavando junto dela o padre Vicente Rodrigues (XXVIII), irmão do padre Jorge Rijo (que é um santo velho, que dos primeiros que vieram com o padre Manuel da Nobrega, ele só é vivo), cavando como digo, junto da igreja, arrebentou uma fonte d’água que sai debaixo do altar da senhora, e faz muitos milagres, ainda agora (XXIX); tem um retábulo da anunciação de maravilhosa pintura e devotíssima; o padre que edificou a casa, que é um velho de 70 anos, vai lá todos os sábados a pé dizer missa, e pregar a quase toda a gente da vila, que ali costuma ir os sábados em romaria, e para sua consolação lhe deu o padre licença que se enterrasse naquela igreja quando falecesse; e bem creio que recolherá a Virgem um tal devoto e receberá sua alma no Céu, pois a tem tão bem servido. (1939, p. 262-263).

José de Anchieta (1534-1597), que também passou pela igreja, relatou algumas informações sobre a famosa fonte da ermida d’Ajuda. Em um texto informativo sobre o Brasil e suas capitania, datado de 1584, o jesuítas apresentou mais duas informações pertinentes. A primeira, que haviam pessoas que, não podendo ir à Fonte

da Senhora, delegavam alguém para este serviço. A segunda, refere-se ao modo como a água era manejada no almejo da cura das doenças. Poderia ser derramada no corpo, no local adoecido, ou ingerida, sendo o primeiro caso aparentemente mais comum. Ademais, o autor repete informações de outros autores referenciados até aqui:

Neste ano de 1550 até 53 se fizeram casas da Companhia em Porto Seguro e no Espírito Santo. Em Porto Seguro, uma légua da povoação dos Portugueses, se fez a casa de Nossa Senhora d'Ajuda, onde milagrosamente ela deu uma fonte d'água que parece proceder de debaixo de seu altar, onde se fizeram e fazem continuamente muitos milagres e é casa de grandíssima romaria e devoção, porque quasi quantos enfermos lá vão e se lavam com aquela água saram, e os que não podem lá ir mandam por ela e bebendo-a faz o mesmo efeito (1933, p. 317).

Após a morte de Anchieta em 1597, algumas vidas de santos dedicadas a ele foram lançadas em língua portuguesa durante o século XVII, no intuito de edificar sua trajetória de vida e rememorar seus milagres. A primeira delas, intitulada “Vida do padre Joze de Anchieta da Companhia de Jesu”, escrita por Pero Rodrigues (1542-1628) no ano de 1607, relata certas informações que indicam que o autor teve contato com as cartas e outros escritos que referenciaram a ermida e sua fonte, produzidas no século XVI. Além disso, o autor relata um caso de uma cura de cobreiro ou Santo Antão, agraciada por Deus, com intercessão de Nossa Senhora, após o Irmão Francisco Pires ser ungido com o azeite do santíssimo sacramento e ter se lavado na fonte d'Ajuda. O caso foi contado pelo agraciado ao padre Pero Rodrigues, que o registrou na “Vida do padre Joze de Anchieta da Companhia de Jesu”, de 1607:

Há uma grave doença, que chamam de cobrelo, que dando na parte direita, com grandes dores vai cingindo uma pessoa pela cinta, com um vergão de um dedo, e em chegando ponta com ponta, não há ordinariamente remédio de vida. Desta doença ia mal tratado o nosso Irmão Francisco Dias, acompanhando no navio de casa ao Padre José, no ano de mil quinhentos e setenta e sete. E chegando à Capitania de Porto Seguro, por não haver ali remédios humanos, determinou de se entregar só à Divina Providência, e aos remédios espirituais. E assim pediu ao Padre José, lhe fosse o dia seguinte dizer uma Missa a Nossa Senhora da Ajuda. Respondeu o padre: “untem-vos primeiro com o azeite do Santíssimo Sacramento, que se não agravará a Mãe de pedirem primeiro socorro ao Filho”. E assim se fez, e logo abrandou algum tanto a dor. No dia seguinte foi o padre a Nossa senhora a dizer uma Missa, e dita ela se foi o irmão lavar na fonte de Nossa Senhora, e logo se desfez e desapareceu o cobrelo, e cessou a dor, no que se viu ser esta obra de Deus, feita por intercessão da Virgem gloriosa, intervindo a oração do padre e a fé do irmão, que me referiu a mim este caso no ano de seiscentos e cinco (1609, p. 93-94).

Uma outra versão referente ao início dos trabalhos de fundação da ermida relata um curioso caso de desavença entre os padres e um Senhor de terras que, possuindo água boa para uso em sua fazenda localizada na baixada do monte em

que foi construída a igreja, não aceitava de bom grado que os padres a usassem para o consumo e para as obras da ermida. Após rogar à Nossa Senhora, Nóbrega recebeu a graça do milagre do nascimento da fonte d'Ajuda, que teria brotada no tronco de uma árvore, junto ao altar, para espanto e gozo de todos. Envergonhado, o fazendeiro, vendo a bondade de Nossa Senhora, se tornou depois do acorrido o principal devoto da Companhia de Jesus, de acordo com Baltasar Teles (1595-1675), na “Chronica da Companhia de Jesu na província de Portugal”, publicada no ano do Senhor de 1645:

Entre outras obras de serviço de Deus, que o Padre fez no Brasil, foi a ermida da invocação de Nafta Senhora d'Ajuda, na Capitania de Porto Seguro, que agora é a casa de maior concurso, e devoção, que há por aquelas partes do Brasil, pelos grandes, e prodigiosos milagres, que a Senhora ali vai obrando, dos quais só contarei este, assim por estar autenticado, como por ser feito em favor deste seu devoto Padre.

Está situada a casa da Virgem nossa Senhora da Ajuda na coroa de um outeiro; e descendo dele para baixo, tudo eram canaviais de açúcar, e terras alheias, pelas quais os Padres achavam grande dificuldade de passagem, assim para poderem ir buscar água para a obra da ermida, como para eles beberem: não havia mais que uma fonte, que estava na raiz do monte, e dificultava-se mais o trabalho, por haverem necessariamente de passar pelos canaviais de um homem, que o levava mal, e se queixava muito, falando pesadamente dos Padres lhe devaçarem, como ele dizia, sua fazenda. O nosso trabalho era grande, e o sentimento dos moradores era maior, por verem, que aqueles servos do Senhor, não só tinham o trabalho de subir a costa do monte carregados, mas também o desgosto, pelo que tomava aquele homem: nesta desconsolação recorreram à Virgem d'Ajuda, pedindo-lhe que os ajudasse, pois a causa era sua, lembrando-lhe semelhante favor, que por intercessão de S. Clemente fizera Deus aos cristãos de Cherfonesso.

Logo um dos companheiros do P. Manoel de Nobrega, vendo o tronco de uma árvore ali defronte, muito junto à ermida, bradando ao céu com grandes lágrimas, dizia: *Ó se a Virgem Mãe de Deus aqui nos desse uma fonte de água perene, não molestariamo a este homem, cuja molesta mais nos cansa, que o trabalho de trazer a água de tão longe. Tende confiança, irmão* (lhe respondeu o Padre Manoel de Nobrega) *que poderosa é a Senhora para fazer maiores milagres.* Vão-se dali todos, seguindo ao mesmo Padre com muita fé, a dizer missa na capela, que iam fazendo da Senhora d'Ajuda; eis que estando um deles no meio do divino sacrifício (coisa maravilhosa, como se naquele instante batesse Moisés com a vara na pedra do deserto quando Deus lhe mandou, lhe falasse para dar água) arrebata de súbito um grande torno de água no lugar assinalado, no tronco da árvore, junto do altar da Senhora, com espanto, e admiração de muitos, ocorreram a ver esta água verdadeiramente milagrosa: entre os quais também acudiu aquele homem senhor do canavial envergonhado já de sua pouca piedade com os Padres, ficado dali por diante o maior devoto da Companhia, que houve naquela terra: sendo em tudo esta água mais milagrosa, que a de Moisés; pois aquela foi água de contradição, como lhe chama a Escritura, e esta foi água de paz, e de concórdia; aquela repartiu Deus a rebeldes, e incrédulos, esta deu a seus fiéis, e devotos; aquela por intercessão de Moisés, esta por via da Virgem santíssima, obrigada das lágrimas do P. Nobrega, e de seus companheiros.

Vou a fama deste prodígio, concorreu infinita gente: a ver com seus olhos tão grande maravilha, não cestando de dar infinitas graças à Virgem Senhora d'Ajuda, e crescendo cada dia na opinião, que tinham da virtude do Padre Manoel de Nobrega, a cuja intercessão atribuíam benefício tão singular, e obra tão prodigiosa; e como os milagres da Senhora começaram com água tão abundante, que ainda hoje corre, mostrou a Virgem gloriosa a grande abundância de milagres, que haviam

de sair daquela sua casa, como de fonte de graças, e favores do céu, os quais, em grande parte se devem a este grande fervo do Senhor (grifo do autor) (1645, p. 467-469).

Após cerca de mais de cem anos de sua fundação, a igreja e a Fonte da Senhora já eram muito afamadas. Seus primeiros cuidadores estavam mortos, mas a memória das histórias milagrosas da água irrompida debaixo do altar d'Ajuda, permaneceu sólida, fervorosa e viva nas memórias das gerações posteriores. O inaciano Simão de Vasconcelos (1597-1671), que escreveu mais de cem anos após a fundação da ermida, foi um dos autores, ao lado de Cardim, que dedicou, em sua *magnum opus* “Chrônicas da Companhia de Jesu no Brazil”, publicada no ano de 1663, a maior quantidade de linhas referentes à igreja de Nossa Senhora d'Ajuda. Em suma, diz Vasconcelos que a comunidade local ainda mantinha as memórias de “louvável virtude” do padre Francisco Pires, um dos cuidadores iniciais da igreja. A localização informada pelo autor, corresponde a um terço de légua da vila de Santo Amaro, distância mais curta anunciada entre os autores até aqui. Depois disso, Vasconcelos também relata as desavenças com o fazendeiro por conta da água, o milagre da fonte e o arrependimento do Senhor, indicando seu contato com os escritos de Baltasar Teles e com outras versões do ocorrido:

Em Porto seguro vivia por este tempo o Padre Francisco Pires, Superior daquela Residência, com fama de louvável virtude, e zelo, cujas memórias ainda andam frescas nos corações daqueles moradores. Este servo de Deus foi aquele, que com seus suores, e de alguns companheiros que consigo tinha, edificou ali a Capela tão afamada de Nossa Senhora da Ajuda, um terço de légua donde hoje se vê a vila, santuário o mais respeitado e frequentado de todo o Brasil. N'esta Capela foi o Senhor servido vincular um prodígio de maravilhas: e o princípio d'elas foi o sucesso admirável seguinte. Iam aqueles servos de Deus obrando a fábrica da Ermida no alto de um monte, e ficava-lhes a água, assim para a obra, como para beber, muito longe: haviam de descer a busca-la ao baixo do vale, e entrar de força pelas terras de um morador: levava-o este gravemente, dizendo, que era devassar-lhe sua fazenda; largava queixas contra os Padres, e conta suas obras. Dobravam-lhe estas o trabalho, e sentiam mais a paixão do bom homem, que o cansaço de trazer ás costas a água.

No meio deste sentimento, é tradição desde aqueles tempos, que entravam os Religiosos em apertados requerimentos com a Virgem. “Oh Senhora” (diziam) “se agora nos concedereis aqui uma fonte, ficaríamos nós aliviados, aquele homem sossegado, e vossa obra iria por diante!”. “Eis irmãos” (acrescentou o Padre Nóbrega, que então se achava presente) “sabei ter fé; porque com esta nenhuma coisa é dificultosa: vamos à dizer missa”. Coisa maravilhosa! Eis que no meio do sacrifício (que já se fazia na Capela, posto que imperfeita) ouve soar um borbulhão de água, que brotando debaixo do altar, foi sair por meatos da terra fora da Ermida perto dela ao pé de uma árvore. Ficaram admirados vendo posto em obra o segundo milagre de S. Clemente, ou de um Moysés no deserto. Concorreu a ver a fonte milagrosa o recôncavo todo, e entre estes o senhor da fazenda, envergonhado de quão mais liberal se lhes mostrara a Senhora aos Religiosos, e com água mais doce, e clara, sendo a sua da lagoa, e mui somenos: e com esta como repreensão do Céu, ficou trocado para com os Padres, e por toda a vida devoto especial da Companhia (1663, p. Liv. II, p. 149-150).

Em seguida, Simão de Vasconcelos destaca a fama da ermida, comparando-a com as de Nazareth e Loreto, além de repetir a estrutura narrativa de outros autores. Doravante, faz menção aos romeiros que ouviam o ruído da água da fonte, além de citar outros autores que referenciaram as histórias da ermida de Nossa Senhora da Ajuda, como o inaciano José de Anchieta, Orlandino (?-?) e Baltasar Teles (1595-1675). Vasconcelos também relata algo novo até aqui: o enterro daquela imagem de Nossa Senhora que havia na ermida na época do cerco dos gentios em 1555, consagrando, deste modo, a terra daquele lugar:

Divulgou-se a fama desta maravilha por todo o Estado do Brasil, e concorreram d'ai em diante a estas águas milagrosas, e santa Ermida da Senhora (qual a de Nazareth, ou Loreto) os povos todos, como a oficina de milagres, que experimentavam a cada passo, e experimentam ainda hoje os que com fé visitam aquele santuário; e folgavam de ouvir os romeiros do mesmo altar o ruído da água, que corre por debaixo da terra até sair a fonte. Seria cousa muito comprida querer tratar aqui por menor de todas estas maravilhas: poderão bem sair com elas os moradores d'aquelas partes, e fariam um grande volume, em maior honra, e glória da Senhora. Deste prodigioso santuário escreve o Padre Joseph de Anchieta: e já d'aquele seu tempo antigo reconhecia grandes milagres. Porei suas palavras, como de testemunha tão fidedigna, e porque recopila o que dissemos: são as seguintes. "O Padre Francisco Pires foi Superior de muitas Residências, e assistindo na de Porto seguro, na Ermida de Nossa Senhora, que é da Companhia, e por sua ordem, e de seus companheiros se obrou, lhe fez a Senhora mercê de abrir milagrosamente aquela fonte tão afamada por toda a costa do Brasil, em que se fizera, e fazem muitos milagres, saram muitos de diversas enfermidades, aonde vão em romaria em busca de saúde, e a acham: e outros para o mesmo efeito mandão por água dela". Até aqui Anchieta; que mostra bem a fama das maravilhas d'aqueles tempos. Escreveu também d'este milagre Orlandino liv. XI, n.º 76: e o Padre Balthasar Telles na primeira parte das Crônicas de Portugal liv. III, cap. 8. Debaixo d'aquele altar se experimentaram por outra via dobradas maravilhas, e mercês da Senhora; porque sendo enterrada n'este mesmo lugar uma Imagem sua na ocasião em que o gentio selvagem assolou a vila, ficou aquela terra consagrada, e segundo santuário de maravilhas para os que a levam por relíquias, e usam d'ela em suas necessidades; que quis a Virgem conspirassem aqui em seus favores estes dois elementos, terra e água (1663, p. Liv. II, p. 150-151).

No ano de 1722 o frei Agostinho de Santa Maria (1642-1728) publicou o “Santuário Mariano”, relatando diversas histórias milagrosas operadas por Nossa Senhora, como a d’Ajuda. A quantidade de linhas dedicadas às histórias da igreja é volumosa, entretanto, a maior parte é uma cópia de quase a totalidade do trecho supracitado de Simão de Vasconcelos, presente nas “Chrônicas [...]”, de 1663 (MARIA, 1722, p. 256-257). As partes que não foram transcritas, uma anteriormente e a outra posteriormente à parte copiada, correspondem respectivamente ao momento em que a igreja ainda não havia sido construída:

Desejavam os moradores de Porto Seguro religiosos da Companhia, para que fundassem naquela terra uma residência ou colégio; e o Padre Provincial Manoel da Nobrega lhes concedeu dois padres muito virtuosos, que foram Ambrósio Pires e Gregório serrão, o que foi pelos anos de 1554 ou 55. Estes padres com seu grande zelo fizeram ali grandes serviços a nosso Senhor: Depois pelos anos de

1559. Sendo Superior o Padre Francisco Pires naquela residência com fama de louvável virtude e tanto zelo da salvação das almas (1722, p. 256).

A parte posterior à copiada enaltece Nóbrega por ter possibilitado a fundação da Ajuda, além de apresentar algumas poucas e sucintas descrições das características dos primórdios de sua construção, como os materiais utilizados e uma referência à imagem de Nossa Senhora da Ajuda, exposta, como é sabido, no santuário:

A esta Ermida da Senhora deu princípio o venerável Padre Manoel da Nobrega, e pela especial devoção que tinha à Nossa Senhora, a quem sempre pedia a sua ajuda e fervor naqueles ministérios em que andava todos do serviço de Deus, quis que o título da Senhora fosse o da Ajuda e nela colocou uma imagem sua. Esta Ermida se começou de paus e de ramos; e era coberta de folhas de palma, como são ordinariamente muitas casas do Sertão da América. E logo que o padre Nobrega colocou no altar a Senhora da Ajuda começou ela a obrar infinitos milagres e maravilhas que ainda até o presente continuam (1722, p. 257-258).

Oito anos depois, o advogado, poeta e historiador baiano Sebastião da Rocha Pita (1660-1738) também reservaria um espaço à Ajuda e à fonte da Senhora em um curto seguimento de humildes onze linhas na “História da América Portuguesa (1500-1724)”, publicada em 1730. No excerto, de viés histórico, o autor não foge das informações apresentadas até aqui e oferece um número curioso de 1500 habitantes em Santo Amaro, vila em que estava localizada a ermida d’Ajuda, número que, além de muito possivelmente impreciso, foi bem inferior em meados do século XVI:

Duas léguas distante da vila – de Porto Seguro - está a Igreja de Nossa Senhora da Ajuda, celebre pelo milagre de uma copiosa fonte, que das entranhas de um penhasco, inopinada e repentinamente brotara na ocasião em que se fabricava a igreja, e carecia a obra de água para se continuar, ficando perene e correndo por debaixo do altar da sua capela mor, cujo ruído, despertador do milagre, ouvem todos os circunstantes, que a ela vão a cumprir os seus votos: em ambas as Vilas há mil e quinhentos vizinhos (1730, p. 133).

No entanto, em meados dos séculos das luzes, período marcadamente de contestação ao viés religioso de interpretação dos acontecimentos, as lembranças da fonte d’Ajuda como *local de milagres*, podem ter sido modificadas. Ainda mais em razão da expulsão dos jesuítas do Brasil em 1759, por ordem de Sebastião José de Carvalho e Melo, o Marquês de Pombal (1699-1782) (PAIM, 1988, p. 9-10 e SANTOS, 2019). No “Novo orbe seráfico brasílico”, escrito pelo Frei Antônio de Santa Maria Jaboatão (1695-1779) e publicado no ano de 1761, portanto, trinta e um anos após a publicação da “História da América Portuguesa (1500-1724)”, de Rocha Pita, o franciscano retratou, como de costume, a localização da ermida, a capacidade milagrosa da fonte e a história do momento em que ela brotou. Entretanto, em determinado excerto da narrativa, Jaboatão apresenta indícios de que a igreja já não era mais tão buscada pelos fiéis que rogavam por milagres e benefícios de Nossa

Senhora, como outrora, demarcando, portanto, uma possível descontinuidade na história da igreja e da fonte d'Ajuda:

Também edificou o mesmo Donatário – Pedro de Campos Tourinho - a Villa de Santo Amaro, uma léguia distante da de Porto Seguro, à parte do Sul. Junto a esta, em um Pico muito alto, está colocada a devota Capela de N. Senhora da Ajuda, que naqueles tempos foi muito buscada pelos milagres e benefícios, que da proteção piedosa desta Senhora participavam os seus devotos. Foi o primeiro prodígio da sua piedade a milagrosa fonte, que começando a brotar repentinamente debaixo do seu altar, com sonoro, e brando sussurro, ao tempo, que celebrava nele o tremendo sacrifício da Missa o P. Francisco Pires, Superior da Residência de Porto Seguro, que fundou a dita Capela, foi brotar aquela corrente em um formoso olho de água, fora do frontispício da Igrejinha, ao pé de uma frondosa árvore, com a qual ficou remediada a necessidade, que havia dela para a obra da Igreja, e serviço dos Padres, e foi isto pelos anos de 1559 (1761, p. 81).

A data de fundação da ermida oferecida pelo frei Jaboatão está, com efeito, equivocada, como pode ser observado após a leitura das fontes supracitadas, escritas antes de 1559. Além disso, é possível que um anti-jesuitismo de Jaboatão no período de expulsão dos inacianos das terras do Brasil, tenha interferido no excerto referente à fama de local de milagres da fonte d'Ajuda.

Independente de qual foi o relato mais preciso sobre a ermida e a Fonte da Senhora, é certo que, além de primeira casa dos inacianos e igreja de Porto Seguro, foi, muito antes de se tornar *local de turismo*, como nos dias atuais, o primeiro *local de milagres* do Brasil. Se tornou, ao longo do tempo na colônia, socialmente reconhecida como destino daqueles que almejavam ser curados de mordeduras de cobra, câmaras de sangue, quebraduras (LEITE, 1938, p. 206), cobreiro, entre outros malefícios, compondo parte de uma história das razões do deslocamento humano no Brasil. Sem embargo, entre os anos da publicação da “História da América Portuguesa (1500-1724)”, de Rocha Pita, em 1730, e do “Novo orbe seráfico brasílico”, do Frei Antônio de Santa Maria Jaboatão (1695-1779), em 1761, portanto, trinta e um anos, é possível que a memória e o reconhecimento social da fonte da ermida como local privilegiado de ocorrências milagrosas, tenham sido modificados. Também é possível, com efeito, que Jaboatão, imbuído de um anti-jesuitismo, característico de sua época, tenha deturpado a realidade dos fatos. Nossa Montserrat, Nazareth ou Loreto, homenagem à nossa Guadalupe, continua de pé até os dias atuais, recebendo missas e romarias, mas principalmente visitas, não mais tanto de doentes que almejam curas milagrosas pelas águas de sua fonte, mas, sobretudo, de turistas curiosos.

REFERÊNCIAS

Corpus documental:

CARDIM, Fernão. Tratados da terra e gente do Brasil. 2^a ed. São Paulo – Rio de Janeiro – Recife-

Porto Alegre: Companhia Editora Nacional, 1939.

Carta do Irmão António Brazquez aos Padres e irmãos de Coimbra. In: LEITE, Serafim. **Cartas dos primeiros jesuítas do Brasil**. São Paulo: Comissão do IV centenário da cidade de São Paulo, 1956, Vol. II, p. 250-260.

Carta de um Irmão do Brasil aos irmãos de Portugal. In: LEITE, Serafim. **Cartas dos primeiros jesuítas do Brasil**. São Paulo: Comissão do IV centenário da cidade de São Paulo, 1956, Vol. I, p. 425-433.

Carta do Irmão Vicente Rodrigues por comissão do governador do Brasil Tomé de Souza ao padre Simão Rodrigues. In: LEITE, Serafim. **Cartas dos primeiros jesuítas do Brasil**. São Paulo: Comissão do IV centenário da cidade de São Paulo, 1956, Vol. I, p. 315-321.

Carta do Padre Ambrósio Pires aos Padres e irmãos de Coimbra. In: LEITE, Serafim. **Cartas dos primeiros jesuítas do Brasil**. São Paulo: Comissão do IV centenário da cidade de São Paulo, 1956, Vol. II, p. 49-54.

Carta do Padre António Pires aos padres e irmãos de Coimbra. In: LEITE, Serafim. **Cartas dos primeiros jesuítas do Brasil**. São Paulo: Comissão do IV centenário da cidade de São Paulo, 1956, Vol. I, p. 250-264.

JABOATÃO, António de Santa Maria. **Novo Orbe Seráfico Brasílico [...]**. Rio de Janeiro: Typ. Brasiliense de Maximiano Gomes Ribeiro, 1858, 2 Vols.

MARIA, Agostinho de Santa. **Santuário Mariano, e Historia das Imagens milagrosas de Nossa Senhora [...]**. Tomo Nono e Décimo. Lisboa: Oficina de Antonio Pedrozo Galram, 1722.

NAVARRO, Azpilcueta *et al.* **Cartas avulsas: 1550-1568**. Belo Horizonte: Itatiaia, 1988.

PITA, Sebastião da Rocha. **História da América Portugueza, desde o anno de mil e quinhentos do seu descobrimento, até o ano de mil e setecentos e vinte e quatro [...]**. Lisboa: Officina de Joseph Antonio da Silva, Impressor da Academia Real, 1730.

RODRIGUES, Pero. **Vida do Padre José de Anchieta**.

Disponível em: <https://docgo.net/document/doDownload/link_rand/3MqFsVc6E6rkfmkHGnidvecb39WQPBEJdVfwGhsbeKlkWwSsK1w66y7ZyTFelaOoWTKs1>, 1609. Último acesso em novembro de 2019.

TELES, Baltasar. **Chronica da Companhia de Iesu na província de Portugal [...]**. Lisboa: Paulo Craesbeeck, 1645.

VASCONCELLOS, Simão de. **Chrônica da Companhia de Jesu do Estado do Brasil [...]**. 2^a Ed., Vol. I, Lisboa: Oficina de Henrique Valente de Oliveira Impressor del Rey N. S, Livro II, 1663.

Referências bibliográficas:

LEITE, Serafim. **História da Companhia de Jesus no Brasil**. Belo Horizonte: Editora Itatiaia, Vol. I, 1938.

PAIM, Antonio. **História do liberalismo brasileiro**. São Paulo: editora Mandarim, 1998.

SANTOS, Fabrício Lyrion. **Te deum laudamus: a expulsão dos jesuítas da Bahia (1758-1763)**. Salvador, BA: Sagga, 2019.

SOBRE OS ORGANIZADORES

Antonio Gasparetto Júnior - Pós-doutorando em História pela Universidade de São Paulo (USP), Doutor (2018), Mestre (2013), Bacharel e Licenciado (2010) em História pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), com estágio de doutoramento (*Chercheur Invité*) na École Doctorale d'Histoire Moderne et Contemporaine da Université Paris IV - Sorbonne (2015-2016), e Bacharel em Administração Pública pela UFJF. Professor Formador I na Universidade Federal Fluminense (UFF), Professor Substituto no Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais (IF Sudeste MG) e Professor efetivo de Educação Básica (PEB) no estado de Minas Gerais. Pesquisador integrado ao Laboratório de História Política e Social (LAHPS) e do Laboratório de Estudos e Pesquisas da Contemporaneidade (LEPCON). Membro da Associação Nacional de História (ANPUH), da Association des Jeunes Chercheurs en Histoire (AJCH), da Association Française des Jeunes Historiens du Droit (AFJHD) e do Conselho Nacional de Altos Estudos em Educação (CAEduca). Secretário da rede internacional de pesquisas “Direitas, História e Memória”. Conquistou o segundo lugar no *Premio de Investigación Doctoral en Historia del Derecho en América Latina* (Valência/ESP, 2019). Autor de *Atmósfera de Plomo* (Tirant lo Blanch, 2019), *História Constitucional Brasileira: usos e abusos das normas* (Multifoco, 2017) e *Direitos Sociais em Perspectiva* (Fino Traço, 2014). Desenvolve pesquisas na área de História do Brasil Republicano, com ênfase nos seguintes temas: História do Direito, Democracia e Cultura Política, Estado de Exceção, Autoritarismo, Direitos e Administração Pública. E-mail: antonio.gasparetto@gmail.com - <https://orcid.org/0000-0001-7844-0055>.

Ana Paula Dutra Bôscaro - Doutoranda em História pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), Mestra (2016), Bacharela e Licenciada (2013) em História pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Professora Formadora e Coordenadora Pedagógica do Centro Cultural Brasil Angola (CCBA), Luanda, Angola, Embaixada do Brasil em Luanda. Pesquisadora integrada ao Laboratório de História Econômica e Social (LAHES) e ao GT Emancipação e Pós-Abolição. Membro da Associação Nacional de História, seção Minas Gerais - ANPUH / MG, Associação Brasileira de Pesquisadores em História Econômica (ABPHE) e da Sociedade de Estudos do Oitocentos (SEO). Autora do livro "Uma serra de almas negras: escravidão e pequena propriedade" (2018). Desenvolve pesquisas nas áreas de História do Brasil Colônia e Império, com ênfase nos seguintes temas: História da Escravidão, Tráfico de escravos, História Social, História Demográfica, História Econômica e Trajetórias. E-mail:anapaulaboscaro@gmail.com, <http://lattes.cnpq.br/7539462489773251> <https://orcid.org/0000-0002-7378-6142>

ÍNDICE REMISSIVO

A

Ariano suassuna 154, 155, 156, 157, 158, 159, 160, 161, 162, 163, 164
Armando de salles oliveira 180, 181, 182, 183, 184, 186, 188, 190, 192
Arte sacra 246, 253, 255
Assentamento 337, 351, 353, 354, 355, 356, 358, 359, 360, 361, 362

B

Bíblia 211, 215, 284, 286, 290, 291, 292, 293, 294, 295, 296, 297
Biografia 166, 178, 200, 219, 233, 235, 241, 243, 244, 299, 330, 331, 332

C

Consciência histórica 19, 47, 50, 51, 106, 108, 109, 110, 115, 117, 134, 135, 138, 166, 172, 173
Contestado 131, 132, 133, 134, 136, 137, 138, 139, 140
Cotas 181, 182, 190, 191, 194, 195, 196, 197, 198, 202, 203, 205, 206
Cultura 7, 10, 12, 14, 15, 16, 18, 19, 22, 24, 26, 29, 30, 35, 36, 37, 39, 40, 41, 42, 51, 55, 56, 61, 69, 72, 73, 75, 76, 77, 79, 81, 82, 83, 84, 86, 88, 89, 90, 93, 95, 103, 115, 118, 119, 120, 121, 122, 130, 143, 147, 148, 153, 154, 155, 156, 157, 158, 159, 161, 162, 163, 164, 172, 174, 181, 184, 185, 187, 190, 192, 194, 196, 202, 203, 204, 216, 220, 236, 245, 261, 270, 277, 280, 281, 289, 290, 297, 299, 306, 307, 320, 321, 322, 323, 326, 328, 329, 343, 344, 351, 353, 357, 358, 360, 361, 362, 363, 366, 368, 369, 371, 374, 375, 376
Cultura política 270, 299, 306, 307, 351, 353, 357, 358, 360, 361, 362, 376
Currículo 14, 15, 16, 17, 18, 20, 22, 23, 37, 43, 47, 49, 53, 56, 57, 58, 60, 63, 64, 67, 68, 77, 79, 80, 96, 104, 107, 111, 120, 121, 122, 194

D

Diocese 102, 246, 251, 253, 255, 256, 258, 259, 264, 266, 269, 270
Discurso 4, 5, 15, 24, 31, 49, 78, 102, 124, 128, 129, 153, 155, 180, 183, 186, 187, 233, 238, 239, 241, 243, 255, 256, 274, 284, 285, 286, 287, 288, 290, 291, 292, 293, 294, 296, 297, 300, 302, 303, 304, 305, 306, 314, 315, 317, 375

E

Educação infantil 69, 70, 71, 72, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 107, 206
Educação patrimonial 80, 83, 89, 90, 91, 92, 93, 332
Egito 156, 308, 310, 311, 312, 313, 314, 315, 316, 318, 319
Ensino das ciências 53, 54, 58, 62, 67
Ensino de história 1, 2, 12, 15, 19, 24, 37, 39, 44, 49, 51, 68, 91, 92, 99, 103, 106, 108, 117, 118, 119, 124, 129, 130, 153, 171, 172, 177, 179
Ensino fundamental 14, 15, 16, 21, 44, 70, 75, 93, 102, 104, 107, 118, 120, 123, 128, 129, 130, 132, 138, 139
Ensino médio 75, 123, 131, 136, 138, 139, 141, 142, 143, 152
Escravidão 5, 7, 9, 31, 43, 138, 141, 142, 143, 145, 146, 148, 151, 152, 153, 201, 346, 376
Etnografia 47, 216, 332

F

Folclore 14, 164, 321, 322, 328

Formação de professores 54, 55, 68, 76, 79, 106, 107, 108, 109, 178, 179

H

Hagiografia 214, 233, 236

História da educação 54, 68, 130, 165, 166, 171, 172, 174, 175, 177, 179, 192, 194

História indígena 35, 37, 40, 42, 44, 48, 49, 50, 51

I

Igreja 87, 92, 100, 148, 199, 208, 209, 211, 212, 213, 214, 215, 216, 217, 218, 221, 222, 223, 224, 225, 227, 228, 229, 230, 231, 237, 239, 240, 241, 243, 246, 247, 248, 250, 251, 252, 254, 257, 258, 260, 261, 263, 264, 265, 266, 268, 270, 274, 276, 282, 289, 290, 291, 292, 298, 299, 300, 301, 302, 303, 305, 306, 307, 322, 343, 347

Interdisciplinaridade 19, 141, 142, 145, 146, 148, 149, 150, 152, 153, 178

Iphan 90, 105, 330, 331, 332, 335, 336, 337, 338, 339

J

José de anchieta 225, 229, 232, 233, 234, 235, 239, 240, 241, 242, 244

L

Lei federal 14, 69, 70, 72, 78

Leitura 1, 2, 3, 24, 29, 62, 113, 114, 115, 118, 119, 125, 127, 128, 156, 160, 174, 231, 268, 272, 277, 282, 284, 286, 290, 291, 292, 293, 294, 297, 306, 340, 345, 360

Livros didáticos 37, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 59, 63, 66, 118, 119, 120, 122, 123, 124, 125, 126, 128, 129, 130, 138, 140, 141, 142, 146

M

Manaus 26, 35, 36, 258, 259, 264, 265, 266, 267, 269, 270, 363, 364, 365, 366, 367, 368, 369, 370, 371, 372, 373, 374, 375

Mártir 43, 208, 209, 214, 216, 217, 218, 219, 263

Memória 1, 2, 10, 13, 14, 24, 26, 28, 33, 34, 35, 36, 42, 50, 51, 52, 80, 81, 83, 84, 86, 87, 88, 90, 93, 96, 97, 100, 101, 102, 103, 105, 112, 124, 130, 131, 132, 133, 136, 139, 140, 141, 151, 152, 155, 167, 172, 179, 219, 228, 231, 235, 237, 276, 300, 307, 308, 310, 318, 319, 331, 362, 371, 376

Murais 18, 246, 247, 248, 253, 256, 257

N

Negritude 1

O

Ordens religiosas 236, 237, 240, 243, 271, 272, 273, 274, 278, 279, 280, 281, 282, 283

P

Paraíba 91, 92, 93, 94, 97, 98, 99, 101, 104, 156, 160, 298, 299, 300, 301, 302, 303, 305, 306, 307, 308
Patrimônio cultural 80, 86, 87, 91, 92, 93, 94, 95, 103, 104, 256, 330, 332, 338
Patrimônio histórico 80, 83, 87, 89, 90, 330, 335
Paulo Bourroul 53, 54, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 67
Pensamento educacional 154
Pensamento social brasileiro 321, 326, 328
Pinturas históricas 118, 120, 123, 124, 125, 127, 128, 129
Política 14, 17, 21, 23, 36, 42, 48, 49, 56, 59, 68, 80, 105, 119, 121, 122, 129, 135, 155, 156, 160, 161, 171, 174, 180, 181, 182, 183, 184, 186, 190, 191, 192, 194, 195, 196, 197, 199, 202, 205, 206, 207, 233, 240, 241, 242, 243, 247, 261, 270, 285, 288, 289, 291, 298, 299, 302, 304, 305, 306, 307, 312, 313, 314, 320, 325, 335, 340, 342, 343, 344, 349, 351, 353, 357, 358, 359, 360, 361, 362, 363, 373, 374, 376
Políticas afirmativas 21, 22, 194, 195, 196, 197, 198, 199, 200, 201, 202, 203, 204, 205, 206
Porto seguro 103, 126, 128, 221, 222, 223, 226, 227, 228, 229, 230, 231
Portugal 97, 178, 208, 214, 219, 223, 227, 229, 232, 245, 269, 271, 272, 274, 281, 282, 283, 323, 324, 325, 340, 341, 344, 345, 346, 347, 348, 349, 350
Profhistória 37, 91

R

Rap 363, 364, 365, 366, 369, 370, 371, 373, 374, 375
Religião 5, 19, 73, 102, 175, 209, 210, 212, 215, 245, 264, 265, 272, 274, 282, 298, 302, 303, 313

S

Sala de aula 2, 12, 14, 20, 22, 40, 45, 49, 65, 91, 93, 95, 109, 118, 121, 123, 124, 125, 128, 129, 131, 133, 134, 136, 139, 161, 163, 168, 176, 177, 339
Santo 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 10, 11, 100, 101, 102, 118, 164, 208, 209, 210, 212, 214, 215, 216, 217, 218, 219, 220, 221, 224, 225, 226, 228, 230, 231, 236, 239, 244, 248, 251, 252, 259, 276, 277, 281, 301, 343, 371

T

Teatro 19, 51, 87, 154, 156, 157, 161, 162, 163, 164, 180, 183, 262, 340, 341, 342, 343, 344, 345, 346, 348, 349, 350, 369

U

Universidades 39, 162, 180, 181, 183, 184, 185, 186, 192, 194, 196, 197, 198, 200, 205, 285, 305

Z

Zumbi dos Palmares 87, 351, 353, 354, 356, 357, 358, 359, 360, 361, 362

Atena
Editora

2 0 2 0